

DISCURSO DE POSSE DA ACADÊMICA MARIA CRISTINA DE AGUIAR CAMPOS

Eu agradeço ao Deus e à Deusa onipresentes em cada um de nós.

Agradeço aos senhores acadêmicos pela confiança em mim depositada para compor com eles este solidário, e também pelo carinho com que me receberam.

Agradeço à minha família, especialmente à minha mãe aqui presente, pela educação que recebi e pelo convívio que possibilitou que me tornasse quem eu sou.

Agradeço a todos os amigos/parceiros que, direta ou indiretamente, colaboraram para que esta noite acontecesse, num verdadeiro “muxirum”, alegre e descontraído; se fosse nomeá-los, correria o risco imperdoável de omitir algum nome e tomaria quase todo o tempo desta fala. A todos, muito grata e um grande beijo no coração de vocês.

Por que eu me candidatei à Academia Mato-grossense de Letras?

Aposentei-me do magistério em 2013, o que criou um tempo/espço em minha vida, de produção inclusive. Antes, convivia semanalmente com centenas de pessoas, entre alunos e colegas, e depois passei a ficar mais em casa, dedicando-me à Literatura: pesquisa da produção do Intensivismo em Mato Grosso; da obra inédita do escritor Ricardo Guilherme Dicke, a qual espero ainda conseguir publicar; e à minha própria produção poética.

Destaco que, antes, eu (como muitos outros) via a Academia assim como um casarão antigo, de portas fechadas, pelo qual passava diariamente, em visível decadência por sofrer as intempéries do clima e a ação da passagem do tempo, sem conexão com a sociedade – mais ou menos a Castália, do Herman Hesse, em *O jogo das contas de vidro*. No entanto, ultimamente, as coisas por aqui vêm se transformando num sentido positivo (é importante reconhecer o trabalho da atual gestão) e antevejo a possibilidade de convivência com um grupo de intelectuais que possuem o saber e a energia positiva necessários para produzir e oferecer suporte a ações/intervenções relacionadas à Cultura e à Literatura de Mato Grosso.

Antes de iniciar a apresentação de meus predecessores na Cadeira nº 16 desta Academia Mato-grossense de Letras (AML), farei algumas rápidas considerações:

Alguns dias atrás, na Universidade Federal de Mato Grosso, assisti a uma palestra do Prof. Dr. Renato Ferracini, da Unicamp. Suas palavras repercutiram fundo em mim, de modo que decidi desterritorializar alguns conceitos por ele trabalhados e costurar com outros, a fim de situar o olhar com que considero a produção literária mato-grossense.

A partir dos filósofos Spinoza e Deleuze, Ferracini estabeleceu a distinção entre *corpo como instrumento* e *corpo pensante*. Considerar o corpo como instrumento é um legado cartesiano: “*Cogito, ergo sum*”, ou seja, “penso, logo existo”, então, a partir desta máxima, a mente comanda o corpo que, como uma ferramenta, simplesmente obedece, numa reação mecânica. É a noção de corpo com a qual convivemos, pois está instituída em nossa cultura ocidental e capitalista há séculos.

À ideia de corpo como instrumento, o professor contrapôs a noção de *corpo pensante*. Para Spinoza, o corpo é composto de partes que se relacionam. O tipo de conexão estabelece as singularidades. Ainda para este filósofo, *alegria* é quando dois ou mais corpos se encontram e, a partir da relação estabelecida entre eles, ocorre uma expansão, um ganho energético em ambos, ou seja, um salto quântico. Para Ferracini, que também é ator, durante a preparação e a *performance* do seu grupo num espetáculo teatral, o que importa é que os artistas, entre si e com o público, consigam produzir esta *alegria*. A fim de conseguir esta mágica, eles dedicam suas vidas a uma série de exercícios para se colocarem integralmente no presente, no aqui-agora.

O encontro de pessoas para criar uma obra de arte e o encontro de qualquer sujeito com uma obra de arte pode (e deve) produzir essa *alegria*, ou seja, a função da obra de arte é expandir o nível de consciência dos envolvidos. Esse é o primeiro ponto que quero destacar em minha fala.

Outra coisa importante que quero mencionar é que nós, profissionais da área de Letras, transitamos por diversos conceitos de Literatura, desde aquele que considera qualquer produção escrita, o registro de

um sujeito em uma determinada sociedade e período histórico, como literatura; passando pela literatura engajada, que valoriza apenas os escritos que denunciam as injustiças e assimetrias sociais, desconsiderando o que denomina “produção alienada”, por mais bem escrita que possa se apresentar; até aquela que concebe a Literatura como uma das sete Artes, ou seja, como o exercício de expressão mais difícil que o ser humano consegue produzir, chegando a adentrar na esfera mítica da Beleza, e a ser, inclusive, profética, porque antecipa possibilidades de devires... Uma obra de arte neste nível, sem dúvida, deveria provocar a *alegria* mencionada anteriormente, porque toca profundamente a alma humana, mesmo que as pessoas não saibam o porquê.

Desde os anos 1990, dedico minhas pesquisas à cultura mato-grossense, especialmente à Baixada Cuiabana, e à Literatura produzida no Estado. Interessa-me sobremaneira o registro da vida na Cuiabá antiga de meus avós, de meus pais, de minha infância. Isso porque Mato Grosso é (ainda) um Estado de tradição oral e, a partir da política de (des)envolvimento aqui implantada, destacadamente nos anos 1970, com a vinda massiva de migrantes, e 1990, com o agronegócio, espaços tradicionais vêm sendo *deletados* e modos seculares de vida substituídos por algo brutal e nocivo. É importante que seja feito o registro de nossa consciência sobre o que foi (e ainda é, em alguns espaços) a tradição local. Nos textos que encontro, busco as imagens poéticas e simbólicas que os autores constroem e também os mitos e arquétipos a elas subjacentes significativos para o imaginário do artista e da nossa cultura, pois se trata do inconsciente, pessoal e coletivo.

Feitas essas considerações, esclareço que, quando leio os autores mato-grossenses, busco enxergar a terra e as pessoas que ali se inserem no ato daquela escrita, esteja o texto no nível de mero registro ou no literário.

O público brasileiro em geral identificou-se tanto com as estéticas do Romantismo e do Parnasianismo que, quando veio o Modernismo com sua quebra de paradigma, foi um choque. A história da Semana de Arte Moderna, em 1922, é um exemplo que todos conhecem. Na Europa, o Simbolismo teve uma grande força preparatória, exerceu a transição para os experimentalismos de vanguarda. Em virtude de seu relativo insulamento, em Mato Grosso, esse gosto se estendeu por mais tempo: em 1948, a Festa dos Novos, promovida por Wladimir Dias Pino e os poetas do Intensivismo, é que inaugurou a ruptura com o cânone anterior, instituído e liderado por Dom Aquino e José de Mesquita. Então, o gosto pelo soneto, odes e trovas de conteúdo romântico-parnasiano persistiu e, até hoje, ecoa nas produções de alguns escritores.

Do final do século XIX até, pelo menos, os anos 1960, a trajetória dos jovens mato-grossenses, notadamente das elites, era: faziam faculdade fora (sobretudo de Direito), principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo, voltavam a Cuiabá e ocupavam cargos públicos, porque havia uma carência de pessoas qualificadas para isso. Compunham sonetos românticos elogiando “moçoilas casadoiras”, filhas de “gente de nome”, casavam-se com elas e se estabeleciam definitivamente no poder, pelo sobrenome e cargo. Alguns – uma minoria – se tornavam padres, o que também era um caminho para a escolarização e o poder.

BREVE HISTÓRICO DA CADEIRA Nº 16

Houve, inicialmente, 12 idealizadores do Centro Mato-Grossense de Letras, os quais escolheram mais 12 membros, considerados efetivos, e, juntos, fundaram o referido Centro, em 07.07.1921. Esta Cadeira nº 16 então recebeu o número 20. Em 1940, quando a elas foram acrescentadas mais seis, elevando o seu número a 30, ela recebeu o nº 10. Em 1944, a fim de se equiparar às normas da Academia Brasileira de Letras que, por sua vez, se espelhava na Academia francesa, ampliaram o número de Cadeiras para 40, quando ela finalmente recebeu o nº 16.

Contando com o patrono, sou o sétimo nome da Cadeira 16 (1 + 6 = 7). Ocorreu-me que:

O sete
encerra
um ciclo
em si.

O sétimo raio – o violeta – simboliza a transmutação, o fechamento de um ciclo e quiçá, neste caso, a energia necessária para que algumas mudanças se processem: a responsabilidade é grande. Que o ciclo não se feche em si mesmo, mas se abra numa grande espiral!

Feitas essas considerações preliminares, passo a apresentar os nomes que me antecederam na Cadeira nº 16 da AML, a começar pelo seu patrono:

ANTÔNIO AUGUSTO RAMIRO DE CARVALHO

Nasceu em Cuiabá, no dia 28.12.1833. Estudou aqui mesmo e optou, inicialmente, pela carreira militar, a qual abandonou, integrando serviço público no quadro da Tesouraria de Fazenda, onde chegou a ocupar o cargo de Inspetor.

Como poeta, explorava a sátira, através de quadras em redondilhas maiores, nas quais registrava acontecimentos, zombava de personalidades de destaque e políticos da época. Para nós, hoje, a sua produção lembra um achado arqueológico, que demanda uma pesquisa de época para sua decifração.

Franklin Cassiano analisa-a assim:

A bagagem literária de Ramiro, na poesia, é bem pequena e, como versos de oportunidade que são, estão naturalmente condenados ao esquecimento. Com o seu talento e atuando num meio onde o intercâmbio intelectual fosse maior, é de crer que a sua lira se afinasse no diapásão dos maiores satíricos contemporâneos.

No entanto, ele se projetou como jornalista. Monarquista, defendia o ideário do partido Conservador. Em Mato Grosso, colaborava com o jornal *A Situação e 15 de Novembro*; fundou as folhas humorísticas *Dunda e Pega Onça*. A sua arma foi a polêmica. “Polemista vibrante e irônico, acorrentava o seu contendor no segredo de sua lógica tão simples, tão natural, quão espontânea e convincente. À sisudez austera das discussões doutrinárias, preferia nas suas polêmicas a ironia, a galhofa chocarreira que levava ao ridículo o adversário, fazendo rir os leitores” (ibid.). Compunha mordazes quadras.

Dedicou-se à carreira política: foi presidente da Câmara Municipal de Cuiabá, Deputado por duas legislaturas e, por duas vezes, presidente substituto da Província de Mato Grosso.

Faleceu em Cuiabá, em 02.11.1891, com 58 anos de idade.

FRANKLIN CASSIANO DA SILVA

Nasceu em Corumbá, em 01.05.1891. Perdeu cedo os pais e, junto com dois irmãos, passou a viver com os tios. Anos depois, Franklin mudou-se para Cuiabá, residindo na casa do irmão de Ulisses Cuiabano, Luís Pereira Cuiabano. Nesse período, Franklin e Ulisses conviveram intensamente, iniciando, nas palavras de Ulisses, uma “indissolúvel e cordial união durante dilatados anos”. Estudou no Liceu Cuiabano e foi estudante de Direito. Também foi membro do Instituto Histórico de Mato Grosso; professor, poeta, teatrólogo e jornalista.

Ingressou no magistério em 1912, como professor primário, servindo de adjunto da Escola Modelo anexa à Normal Pedro Celestino, em Cuiabá. Foi designado depois para auxiliar da Diretoria da mesma escola. Dirigiu os grupos escolares de Miranda e Senador Azeredo, em Cuiabá, de onde saiu para dirigir o Departamento de Instrução Pública do Estado. Era professor de Pedagogia e Psicologia da Escola Normal, e de Psicologia e Lógica, do Curso Complementar anexo ao Liceu Cuiabano.

Muitas de suas peças teatrais foram encenadas por alunos e atores amadores, portanto já trabalhava com Arte-Educação no início do século XX.

Publicou *Subsídios para o estudo da dialetologia em Mato-Grosso* (Calhao e Filho, 1921), também publicado no livro *Do falar cuiabano*, de Maria Francelina Ibrahim Drummond, obra que compôs a série Cadernos Cuiabanos, editados em 1978 pela Prefeitura Municipal de Cuiabá, além de muitos versos esparsos. Colaborou com vários jornais e revistas do Estado, como *A Imprensa*, *O Mato-Grosso*, *A Liça*, *A Violeta*, *O Revérbero*, *O Jornal*, *O Correio do Estado*, *O Democrata*, e outras folhas locais. Usava os pseudônimos Amilcar Santos, Aluizio Dinarte e, como Herodes de Souza, compunha poesias humorísticas de fina crítica, publicadas principalmente em *A Liça*, o que lhe rendeu desafetos. Também participou ativamente da confecção da *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*.

Suas poesias estão reunidas no livro ainda inédito *Crisálidas*, organizado em 1940, em posse de sua família.

A produção poética de Franklin Cassiano enquadra-se na estética do Romantismo e é composta, predominantemente, de sonetos; encontram-se também poesias em redondilhas. Cassiano fala muito de amor e enaltece a natureza, associando-a a estados d'alma; apresenta uma visão pessimista quando o assunto é o ser humano e a vida social, o que caracteriza o mal do século, presente na terceira fase do Romantismo.

OLHOS VERDES

Jun. 1911

Olhos verdes que me encantastes tanto,
infiltrando em meu peito a luz de amores;
derramai sobre mim o brilho santo,
que possuis. Apagai as minhas dores!

Quando vos vejo belos, tentadores,
fico contente e, como por encanto,
evolam do meu peito os amargores
e dos meus olhos seca o triste pranto!...

Senhora dona desses dois primores,
faróis brilhantes que, nos meus horrores,
livram-me sempre de cruéis abrolhos!...

Fitai-me ao menos uma vez ainda,
matai, oh virgem, esta paixão infinda,
deixai que eu ame vossos verdes olhos!...

CHUVA

Nov. 1911

E a chuva não passa. Que tormento!
Ansioso espero,... desespero e nada...
Fumo. E minh'alma voa apaixonada
onde voa meu louco pensamento...

Cismo... E a cismar fico um momento...
E a chuva não passa, que maçada!
Fumo e cismo... A resposta desejada,
como custa a chegar, triste eu lamento!...

Espero ainda... E o temporal não passa!...
Em nada mais eu acho aquela graça
que outrora achava e me trazia calma...

E ao bater da chuva na calçada,
sinto deveras, minha doce amada,
uma chuva de espinhos em minh'alma...

No teatro, segundo Ulisses Cuiabano, produziu:

- 1918 – *Progresso na zona*;
- 1920 – *Cá entre nós* – em parceria com Ulisses Cuiabano, a peça foi musicada por Zulmira Canavarros;
- 1924 – *Quero i lá pro mato* – com a colaboração musical de Zulmira Canavarros;
- 1926 – *Nhô Chico foi barrado* – em parceria com Maneco Cuiabano;
- *Cuiabá por Dentro*;
- 1931 – *Baile na Goiabeira*.

Toda a sua obra permanece inédita. As pessoas desconhecem a autoria de algumas de suas canções, que se tornaram populares.

Franklin Cassiano faleceu no dia 09.06.1940.

ULISSES CUIABANO

Nasceu em Cuiabá. Bacharelou-se em Ciências e Letras, pelo Liceu Cuiabano. Muito amigo de Franklin Cassiano, compartilhou com ele a trajetória de professor, jornalista, poeta e teatrólogo. Sobre esse companheirismo, no seu discurso de recepção na AML, Francisco Mendes afirmou:

Se é certo que a amizade, essa fina flor do sentimento humano, constitui o elo verdadeiro que estreita as almas que integram as sociedades, não é menos certo que ela é a própria substância que forma a argamassa com que se alicerçam as inteligências, que cimenta a união dos espíritos que intelectualmente se estimam.

Como professor, trabalhou em várias escolas, ocupando o cargo de diretor de um grupo escolar em Rosário Oeste e da escola Senador Azeredo, em Cuiabá.

Como jornalista, colaborou com vários periódicos mato-grossenses como: *O Jornal*, *O Correio do Estado*, *O Neophito*, *A Reação*, *A Violeta*, entre outros.

Como era de praxe na época, sua produção poética era divulgada nos jornais. O livro inédito *Grupiaras*, concluído em 1950, encontra-se em posse de sua família, ainda à espera de ser publicado.

A poesia de Ulisses Cuiabano possui alguns tons distintivos dos seus contemporâneos: ainda que uma parte de sua produção comungue com o ideário romântico-parnasiano instituído, com obras que falam de amor, textos descritivos de árvores e da natureza com lições comparativas de moral, ufanismo, presença de pessimismo, ele faz um interessante registro das paisagens e das lendas mato-grossenses. Francisco Ferreira Mendes afirma: “[...] as vossas produções têm um colorido vivo, que realça, que entusiasma, que sugestiona pela singeleza, que são o encanto que traduz os painéis simbólicos do regionalismo mato-grossense”. O que, arrisco afirmar, o insere já na produção do Modernismo, especialmente do Neonaturalismo Regionalista da segunda geração, que é um desdobramento do Romantismo, esse olhar sobre as singularidades locais. Esclarece belamente Ferreira Mendes:

É que tivestes contato com o sertão de nossa terra e essa influência agiu naturalmente no vosso espírito.

Dormistes muita vez em pousos ao relento, à sombra gasalhosa dos timbosais, nas cabeceiras dos veios sem par de nossa terra: respirastes a pureza oxigênica do ar, umedecido com o sereno, fecundado pelas essências balsâmicas que se volatilizam das mimosas passifloras sertanejas; ouvistes a cantiga singela e melodiosa da simples gente do sertão, e a vossa alma de poeta se enlevou no sublime simbolismo dessas cenas tão rubras de lirismo pátrio, que as toadas sertanejas, somente elas, na sua plangência sonora, sabem comunicar aos corações.

E afigura-se-me, na fantasia, passar por vossa mente aqueles quadros tão originais dos sertões mato-grossenses, quando a *hevea-brasiliensis*, então no esplendor da sua pujança, acenava para o mundo a sua munificência – o entrecruzar nas campinas viridentes, nas várzeas matizadas, nos cerrados entrelaçados de lianas, ou nos capoeirões gigantescos, dos lotes de tropas, tangidos pelos meandros sinuosos, conduzindo o rico produto que a imprevidência do tempo e a displicência inconfessável dos homens deixaram tombar na mais desoladora das crises, que haveriam de ferir a economia nacional.

Evoca-me à memória esse cenário rústico, tão peculiar à nossa selva, a clarinada dos pássaros, o esfuzio de insetos num roçar intermitente de élitros, o bimbalar festivo dos cinceros, num contínuo, ensurdecido ruído, enchendo a natureza de harmonias, em que imperava com uma nota mística de saudade a cantiga dolente dos tropeiros, perpetuando a vida nessa policromia encantadora de sublime poesia.

Tive a grata surpresa de encontrar em *Grupiaras* uma narrativa estruturada em sete sonetos de versos decassílabos falando do encontro de um poaieiro, Venâncio, com o temível Pé de Garrafa.

Como exemplo de sua rica produção, deixo registrado o seguinte soneto, que me remete à infância povoada de histórias sobrenaturais, muitas de ambiência cristã medieval:

LENDA DO RIO ABAIXO

Conta a lenda que em noite albente de luar
um rude canoieiro, a sós, pescando à vara,
de muito “peso” estava e inda nada apanhara,
apesar dos ardis que sabia empregar.

“Inda que seja o diabo agora hei de apanhar!”
disse o caboclo, iscando o anzol, e mal jogara
a linhada ao perau, esta logo esticara,
puxada por um peixe enorme e não vulgar.

A luta foi tremenda e fatigante a empresa,
até que enfim o bravo e rijo pescador
conseguiu tirar d’água a desejada presa.

Hoje vive o caboclo inteiramente gira,
pois físgara no anzol a própria mãe, que horror!,
por um castigo atroz que o diabo lhe infligira.

Creio que uma importante Missão que a Academia Mato-grossense de Letras deve abraçar é publicar as obras de nossos autores que se encontram no seio das famílias, muitas se desmanchando nas mãos de quem as manuseia por conta da ação implacável do tempo, a exemplo de *Crisálidas*, de Franklin Cassiano, e *Grupiaras*, de Ulisses Cuiabano. Que se construam parcerias com o governo do Estado, prefeituras, editoras qualificadas e que os empresários também se sensibilizem e colaborem.

Ulisses Cuiabano faleceu a 26.04.1951.

PADRE VANIR DELFINO CÉSAR

Nasceu em Cuiabá, a 26.08.1922. Estudou no ginásio do Liceu Salesiano São Gonçalo. Em 1942, concluiu o curso pré-jurídico no colégio Estadual. De 1941 a 1943, foi funcionário do Ipase e IAPI. cursou faculdade no Estudantado Filosófico São Joaquim de Lorena, em São Paulo, concluindo-a em 1942. Em 1952, matriculou-se na faculdade de Teologia (PUC-SP), onde concluiu seus estudos.

Exerceu o magistério em diversas cidades do interior de São Paulo, e retornou a Cuiabá tornando-se diretor da rádio Cultura.

Publicou várias poesias em periódicos mato-grossenses.

Foi vice-presidente da AML por dois mandatos, e presidente de 1969 a 1973, ano em que faleceu.

JOAQUIM AUGUSTO ALVES BASTOS

Nasceu em Cuiabá, a 09.09.1900. Iniciou aqui seus estudos, mudando-se posteriormente para o Rio de Janeiro, onde se dedicou à vida militar, chegando ao posto de general. Nas obras *Palmo a palmo* e *Encontro com o tempo*, registrou momentos marcantes de sua carreira e suas ideias sobre os principais momentos da vida política brasileira.

VALDON VARJÃO

Nasceu em 15.12.1923 em Cariús-CE, descendendo de Manoel Cardoso Varjão e Maria Olímpia Varjão.

Foi garimpeiro, comerciante, agropecuarista, tabelião, contador, escritor (poeta e jornalista) e político (vereador e prefeito em Barra do Garças, deputado estadual, deputado federal, senador da República. Em 2004, ocupou o cargo de Secretário Municipal de Cultura de Barra do Garças.

Filiou-se às seguintes instituições: Academia Mato-grossense de Letras, Academia Piracicabana de Letras, Academia do Centro-Oeste, Academia Paulista de História, Ordem Nacional dos Bandeirantes, Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

A acadêmica Prof^á Dr^a Yasmin Jamil Nadaf escreveu e me enviou um depoimento sobre a pessoa que foi Valdon Varjão, do qual transcrevo alguns trechos:

Tive o prazer de conhecer o Sr. Valdon Varjão: um homem de vigor admirável, um inquieto divulgador da história e, por consequência, da cultura da região do Araguaia, onde ele viveu grande parte de sua vida [...] Se conheço a história do Araguaia, devo aos seus livros. Neles encontramos dados da região como um todo: Barra do Garças, Araguaiana, Alto Araguaia, Aragarças e entorno, desde a sua fundação até a contemporaneidade. Neste ponto, chamo a atenção para a sua rica iconografia, que nos permite ter acesso aos retratos de seus fundadores, de personalidades que se destacaram em várias esferas, bem como das riquezas naturais do leste de Mato Grosso. Sem essa documentação visual, geralmente de difícil acesso, muito se perderia dessa importante faceta de nossa história.

O Sr. Valdon tinha um cartório e, na gráfica ao lado, ele imprimia, num sistema xerográfico praticamente caseiro, edições de livros e cadernos de autores da sua região (em sua maioria, falecidos) para distribuir aos professores e simpatizantes da literatura e, deste modo, apresentar a profícua literatura do leste de Mato Grosso.

Ele apresentou à Prof^á Yasmin as seguintes autoras: Arlinda Pessoa Morbek; Antídia Coutinho – colaboradora da revista feminina mato-grossense *A Violeta*, natural de Araguaiana; Audenora de Sá Porto, autora de uma dezena de romances.

Valdon Varjão publicou muitas obras sobre História, Geografia, problemas político-sociais, além de poesias. Faleceu em Barra do Garças-MT, no dia 03.02.2008, aos 84 anos de idade.

Obras publicadas:

- VARJÃO, Valdon. *Barra do Garças no passado*. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1980.
- _____. *Barra do Garças: migalhas de sua história*. Brasília: Senado Federal/Centro Gráfico, 1985.
- _____. *Aragarças: portal da marcha para o Oeste*. Brasília: Senado Federal/Centro Gráfico, 1989.
- _____. *Barra do Garças: do passado ao presente*. Brasília: Senado Federal/Centro Gráfico, 1992.
- _____. *Janela do tempo – Homenagem ao passado – Histórias e estórias vivenciadas*. Barra do Graças, 2000.
- _____. *Como e por que trabalham os pedreiros livres* (obra maçônica)
- _____. *Avante! Filhos da viúva* (obra maçônica)
- _____. *Filinto Müller, um líder* (separata de discurso)
- _____. *Seca do Nordeste* (separata de discurso)

Outras obras citadas nos sítios: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Valdon_Varj%C3%A3o> e <<http://valdonvarjao.com.br/?Pg=Textos&Cat=1&Page=5>>:

- _____. *Expedição Roncador-Xingu 50 anos*.
- _____. *Marcha para o Oeste*. [s.l.]: Fundação Brasil Central, [19--].
- _____. *Balisa, Eetéreas Reminiscências*.
- _____. *Barra do Garças: um pouco de sua história: nosso povo, vivência, fatos do passado*
- _____. *Biografia consultada: anais do Congresso*.
- _____. *Epopéia dos Sertões*.
- _____. *Negro Sim, Escravo Não!*.

E as seguintes poesias: *O garimpeiro*; *Quando estive senador*; *Raízes*; *Seca no Nordeste*; *Janela do tempo*, dentre outras.

Enfim, encerro o meu discurso de posse. Reitero meu compromisso com a valorização e divulgação da produção literária mato-grossense através da Academia Mato-grossense de Letras, pois o registro de nosso olhar e de nossa consciência sobre o mundo não pode se perder e se dispersar em arquivos fechados, mas deve ser valorizado e compartilhado com todos.

Muito grata por sua presença.

